



O Gaiato



**PORTE
PAGO**

Quinzenário * 4 de Abril de 1981 * Ano XXXVIII — N.º 967 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

NOTAS DA QUINZENA

● Eis uma carta que põe em evidência e ao vivo o problema de tantas crianças rejeitadas pelos seus:

«Peço-lhe se digne receber na organização que dirige uma pobre criança de nove anos, chamada Cristiano e que reside na terra natal do pai.

Este menino de raça mulata foi trazido pelo pai de Angola. Chegado à aldeia foi entregue aos cuidados de uma avó, que não lhe dá atenção nenhuma, deixando-o dias inteiros sózinho. O pai não ligava importância nenhuma ao filho e oferecia-o a qualquer pessoa como quem oferece um cão ou um gato. O que ele queria era ver-se livre dele, pois queria casar-se e a mulher não lhe aceita o filho, apelidando-o depreciativamente de preto, nome que, aliás, quase todas as pessoas lhe chamam na aldeia. Quando o pai se dirige ao filho é só para lhe bater. O menino cresceu assim feito menino da rua. Agradeço o que possa fazer por esta criança que se chama Cristiano e nunca soube o que é o carinho e conforto dum lar.»

Após a leitura deu-me vontade de mandar vir imediata-

mente o Cristiano. Só as nossas limitações me obrigaram a esperar um pouco.

Mas ele virá. E sentirá, dentro do coração, o seu lugar à mesa, a sua cama limpa, a sua carteira na escola e, também, a tarefa que lhe couber.

Não será mais o cão, o gato, o preto — mas o Cristiano! E crescerá (sendo amado e amando)! Assim aprenderá a suplantir o cálice de amargura daquele bocado da sua infância... e, um dia, será capaz de sorrir aos seus!

● É muito natural que o Cristiano não tenha mesmo necessidade de pão. Mais profunda e nefasta que a fome de pão é a fome de afecto que a sua condição de marginal produz.

Temos na pasta dos pedidos um monte de cartas à espera. Todas elas são fotos nítidas de famílias esfrangalhadas. Vejamos:

«A mãe fugiu e deixou as crianças, haverá lugar para dois?» De Aveiro.

«Os pais são alcoólicos e os pequenos ficaram vadios.» De Lisboa.

«Admita estas três crianças, o pai é alcoólico e a mãe está internada num lar.» De Gaia.

Foi este fim de semana no Lar do Porto: Telefonema de um pai que não pode comparecer por se encontrar doente, mas não quer perder a oportunidade. Expõe. Dois filhos gémeos, se bem entendi, à volta dos 12 anos, têm o ano lectivo em grave risco e não reagem. O pai dói-se. Aos 14 anos ficou órfão e teve de subsistir por si. Trabalhando e estudando, conseguiu fazer o curso liceal. Venceu e hoje pode dar aos filhos aquilo que não teve. Mas não se resigna que eles, tendo tudo, não aproveitem. E pensa que o trabalho é a grande Escola alternativa. Não pode, nem quer, pô-los a trabalhar lucrativamente. Mas pensa que a experiência de uma vida que cada um tem de fazer por si lhes abrirá os olhos, já que os ouvidos permanecem surdos à palavra. Mas onde essa Escola, essa possibilidade?... E lembrou-se de nós. Temos uma quinta. O trabalho do campo é duro mas sadio. Uma férias a trabalhar na agricultura, em tudo submetidos à disciplina dos nossos, far-lhes-ia bem: desde o fazer da cama ao lavar da loiça, às limpezas, à ajuda na cozinha, ao tratar do gado...

«O rapazinho passa o dia todo na rua. O pai tem um comportamento imoral e a mãe fugiu com outro homem.» Do Porto.

«Estes três pequenos são filhos do mundo sem terem quem os receba.» De Felgueiras. Chega!

Frutos a cair num chão escoregado, que urge recolher amorosamente.

● Ao escrever sobre o Cristiano e estes filhos da rua, pensei, feliz, em tantos que o foram e hoje têm suas casas tão queridas e cheias de gosto. E recordei o domingo passado, 22:

Fui ao Marco baptizar a Sofia, primeira filha do Silva Porto. Ele, esposa e famílias. Muito simples e belo na capela de pedra de S.to Isidoro. A seguir, o almoço, na casa bonita e cheia de luz.

O Silva Porto foi gaiato. Bebeu na sua infância, e aqui em Paço de Sousa, o dom do amor. E agora ama... sua esposa, a filhinha, a casa e o jardim. Dá-me impressão que fica em transe quando me fala do seu lar. Ele conheceu a tristeza de o não ter. Por isso se desvanece.

Mas vai mais longe... Aprendeu a pensar no Outro.

Muitas vezes, eu sei, passa em Paço de Sousa e deixa nas mãos do Manuel Pinto para o conforto dos Outros.

Este gesto discreto do Silva Porto me enternece o coração. E diz a todos nós que vale a pena colher as flores da rua!

Padre Telmo

Consciência social

sorrirão, talvez, do «drama» que aflige e move este pai.

Em primeiro lugar ele cuida do que entende o bem dos seus filhos: habituá-los ao trabalho, que ainda por vários anos deve chamar-se estudo. Estudo que, levado a sério, é realmente o trabalho (e nada level!) de preparação do futuro.

Em segundo plano, ele antevê os seus filhos na sociedade a que se devem. Os cultivadores da inércia, os gozadores da vida olham a sociedade como devedora dos seus excellentíssimos interesses. Os que têm o culto do trabalho vêm-na como algo que eles mesmos têm de produzir para depois colherem legitimamente os frutos de bem-estar, naturalmente apetecidos por todos. Só que uns e outros lhes não têm iguais direitos. E este homem fez-se e fez suficiência em torno de si. Não entende que se espere esta suficiência cada do Céu. Por isso não sofre que os seus filhos desaprove-

Cont. na 3.ª página

Exploração

Já temos denunciado nestas colunas falsos peditórios feitos nas ruas de Lisboa, e não só, em nome da Obra do Padre Américo ou da Casa do Gaiato. Simplesmente, porque o «negócio» é rendoso, o problema tomou, nos últimos tempos, dimensões nunca vistas. Chusmas de raparigas, sobretudo, comandadas por mulheres, têm invadido os lugares de maior movimento da capital, colocando auto-colantes ou fitas nas pessoas que passam, nem sempre de maneira cordata, até.

Ante a gravidade do problema posto e das inúmeras ressonâncias até nós chegadas, vimos-nos obrigados a pedir o concurso dos Órgãos da Comunicação Social, escritos e falados, bem assim dos Párocos de Lisboa e zonas limítrofes, como da própria P. S. P., para denunciar a situação e fazer frente ao inqualificável abuso. Oxalá sejamos bem sucedidos.

Repetimos. A Obra não faz peditórios na via pública. Os únicos mendicantes são os padres, por devoção. Os Rapazes não esmolam e apenas se limitam a vender O GAIA-TO, aliás devidamente credenciados com um cartão de identidade da Casa, com fotografia e o selo branco respectivo. Tudo o mais é falso e exploração.

Aproveitamos a oportunidade para testemunhar a todos os Amigos as provas de carinho e de solidariedade recebidas a propósito.

Padre Luiz



Como estes dois «Batatinhas», Cristiano «aprenderá a suplantir o cálice de amargura... e, um dia, será capaz de sorrir aos seus!»

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● No fim de semana procurámos dar a mão a casos dolorosos, que nos preocupam. Duas famílias, além do mais, carecidas de alojamento.

Já referimos um deles, em o número anterior, sem entrarmos a fundo no domínio da habitação.

Na maré que chegámos, estavam *Viúva e órfãos* mais-los avós.

— Com'é q'a gente pode viver aqui, uns sobre os outros?!...

Ampliar a velha moradia? Talvez não...! Espraíamos o olhar pela mata, pelos campos...

Chega um vizinho, operário da construção civil, e outros familiares.

— Nós fazemos a obra! Ela não gasta dinheiro nenhum pelo trabalho das nossas mãos. Só nos materiais.

Tudo espontâneo. Tudo mãos dadas. Quanto se poderia fazer, no interior do País, se descêsemos mais ao campo, não andássemos lá por cima, pelas nuvens, com medo de sujar os pés e as mãos — deslocados do País que somos!

— E as brucacas?!...

A implantação da obra, qualquer obra, exige todo um calvário burocrático, excessivamente empolado e disperso, no qual o País perde muita riqueza, sobretudo milhentas acções válidas, de legiões de portugueses carecidos e desmotivados por não terem quem lhes dê a mão.

O cancro já vai sendo abordado por este ângulo, na chamada grande Imprensa! Diagnosticado o mal, há que haver remédio para a cura. O problema da habitação é tão grave, que não se compadece com omissões ou remendos. Olhando a sério pelas populações do interior, pela Auto-construção espontânea, que alivia as cinturas dos grandes centros... Aproveitando o esforço, o sacrifício, a iniciativa dos Auto-construtores — tão marginalizados!

No que toca à *Viúva*, estamos a projectar a obra e Deus permita não surjam barreiras intransponíveis!

— A gente só precisa dos materiais...

O outro caso é, também, de muita aflição. Ele é um bom mecânico de automóveis. Tinha um carrito utilitário — por necessidade profissional. Mas habitava num pardeiro. Um dia, algo mais abonado, pensa a sério na sua casa. Adoece com uma úlcera, mas não desiste! Entretanto, surge um cavalheiro que propõe terreno e casa incompleta. Desfaz-se do que tem, veículo inclusivé, e concretiza o negócio (irregular). Muda os tectos para a *nova moradia*, sem tectos, quatro paredes ao alto por calafetar. Piora o estado de saúde, com as preocupações da vida...

Fomos lá. Estava o casal. A cara do homem diz tudo! A da mulher, também.

— É uma vida de muito sacrifício! Contam a sua história.

— Não sei q'ando será possível acabar a casa; não sei... O pior é q'a gente faz as coisas com simplicidade e, no fim, somos prejudicados! Não posso fazer escritura, q'esta sorte os louvados juntaram-na a outras. E,

agora, não sabemos como resolver o assunto! O q'a gente quer é acabar a casa, é ter casa. Depois, será o resto...

Problema intrincado, que dará muitas andanças! É uma entre muitas famílias sem tecto condigno, numa região cujo problema tem sido aliviado pela Auto-construção, sem qualquer apoio, e onde não são construídas *habitações sociais*, excepto nas sedes de concelho.

— Veja se nos podem ajudar! Olhem com'a gente vive...!

A face do homem, mirrada, esbranquiçada; e a mulher de olhos fundos, perplexa no meio da miséria, cortados a garganta! Apetecia-nos ir por aí fora, de coração nas mãos, clamar aos responsáveis que desçam aos campos e criem pelouros de ajuda à Auto-construção, a nível regional e a cargo de homens com formação específica e latos poderes controlados pelas autarquias. Que olhem mais para o bem do que para o mal que os Auto-construtores do meio rural façam, inconscientemente, à procura do mais legítimo direito do Homem — ter casa.

● Os Bispos de Pamplona, vizinha Espanha (dioceses de Tudela, Bilbao, S. Sebastian, Victória, Pamplona), publicaram uma carta pastoral de orientação quaresmal — motivando os cristãos para a problemática dos Pobres, *«dentro de toda a força renovadora que se encerra no Evangelho»*. *«Antes de mais nada — sublinham os Prelados — temos de abrir os olhos e o coração para conhecer melhor o mundo dos Pobres, e as condições de necessidade e de marginalização tal como acontecem em nosso meio»*.

Depois, referem, concretamente, a marginalização dos idosos, o empobrecimento do meio rural, os deficientes, os desempregados, as crianças e adolescentes, os Pobres de *«rosto indefinido»*, etc. Formulam uma pergunta: *«Onde estão as raízes desta pobreza que impede os homens e mulheres de viverem uma vida humana digna?»* E dão a resposta: *«Sem ignorar os factores naturais que escapam à responsabilidade humana, temos que descobrir, com lucidez, o pecado que habita no coração do homem e nas estruturas humanas»*.

Entre o mais — e é tanto! — a directriz dos Prelados espanhóis lembra-nos a necessidade de se aproveitar o Altar para exigir dos filhos que não marginalizem os pais. Quantas e quantas vezes temos de suprir — em nossa acção no meio rural — dificuldades de pais cujos filhos usufruem relativa posição pública e social!

PARTILHA — Assinante 26398, do Porto, 750\$00 «para as necessidades mais urgentes». Remanescente de contas, de Sertá. O casal-assinante 17022 presente com o habitual vale de correio. Lisboa, 500\$00 e uma observação: «Os donativos são referentes a Janeiro, Fevereiro e Março para evitar despesas de correio». Muito bem. Assinante de Paço de Arcos partilha há muito tempo o seu vencimento, agora com 4.000\$00. «Uma portuense qualquer» também não falha e junta «o bocado relativo ao mês de Fevereiro». Assinante 19177 volta a aparecer com 100\$00. Alto lá! Prestem atenção: «Vão 200\$00 para a Conferência. Desculpai o pouquinho que mando, mas

sou já velhota e vivo duma pequena reforma que me vai dando para o dia a dia». Cheque entregue no Espelho da Moda, dividido em quatro partes — consoante a ordem indicada.

Vale de correio, de Santarém. Mais um sobrescrito apenas com o endereço: «Para os Vicientinos», isto é, para os Pobres. Finalmente, cheque de Setúbal para vários destinos, sendo «o restante, o que sobrar, para o que julgarem mais útil e necessário na vossa Conferência».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Setúbal

EDMUNDO — Eu passava. Um dos mais novos vem ter comigo e queixa-se:

«Aquele gajo anda a fazer-me mal. Ele é um grande pilante».

Aquele «gajo» é o Edmundo. Pilante é sinónimo de mau, de quem está sempre a fazer mal aos outros. É um termo do vocabulário cá de Casa.

Edmundo, com os seus nove anos inquietos, malda «escola» que trouxe ainda se não afez ao dia-a-dia da comunidade.

A vida escolar e o trabalho ainda não entrou nele. A vida da rua de onde viera, é difícil de esquecer.

Lá a escola era outra. Era «pilante». Vai levar o seu tempo para que os outros lhe apliquem outro termo. Vão ser os que agora reconhecem a pilantise dele, que o hão-de conquistar.

RESIDÊNCIAS — Ontem, fui passar um bocadinho de serão na sala de convívio da casa um.

Consoltei-me: os seus habitantes de pijama vestido, de cara e pés lavados, sentados nos sofás e carpete que nos deram, deixavam no ar um cheiro de conforto e á vontade. O fogão de sala estava aceso. O calor sentia-se. Senhor P.e Acílio estava, as nossas mães também.

A T.V. a cores, que amigos nos deram, estava a transmitir.

Que quentinho!, senti eu.

Depois, veio a hora de ir dormir. O chefe desliga o aparelho e tudo se ajoelha para agradecer aquele dia ao Pai do Céu.

A casa dois vai aparecendo, e já vamos adivinhando ali o conforto, o azeite, a vivência da casa um.

Eu, às vezes, ponho-me a pensar como é que as coisas vão aparecendo feitas, sem termos projectos, orçamentos nem verbas a não ser o fruto do nosso trabalho mais daquilo que tu nos mandas. Esperamos sempre que apareças no correio do dia, às vezes para calar algum calote mais adiantado.

FRACASSOS — Ele há muita gente que julga que tudo cá em Casa são rosas e sucessos. Pois não senhor. Ainda outro dia recebemos uma carta vinda duma cadeia. Era de um dos nossos. Saiu, entrou, tornou a sair e a entrar, sempre com oportunidades possíveis. A rua chamava-o, com as suas ilusões. De uma vez recebemos um telefonema das urgências do Hospital. Era ele minado pela fome. Prometemos dar mais uma vez a mão, mas

ele mal-las suas fraquezas levaram-no à cadeia.

Agora chama-nos outra vez, reconhecendo sua culpa.

Por amor dos outros, tantas vezes nos dói ter que fechar os olhos do corpo, não os da alma, a este e a outros casos. Nem tudo são rosas, e se ele há pais de sangue que se doem por via de um ou dois, que dizer da nossa legião? Criar filhos nossos custa, mas que dizer se criamos os dos outros e vemos neles os nossos?

ANIVERSÁRIOS — Silvério fez anos. Ele fez a quarta classe, é servente nas nossas obras, além da missão que tem de limpar e cuidar do calçado de toda a malta. Ele é dos que vendem O GAIATO. É do Algarve.

Como dizia, fez dezassete anos, e senhor Padre Acílio comprou-lhe um relógio. Poderá parecer uma coisa banal para muitos, mas para nós e para o Silvério não. Nós que presenciamos tudo isto, somos levados a crer que se podem «transformar pedras em filhos de Abraão». Que o diga o regozijo do Silvério.

Por falar em aniversários, dentro do possível, queremos festejar os de todos os nossos e precisamos, pois, com quê.

«BATATINHAS» — Houve alarme cá em Casa.

Correm aflitos a chamar o Elói, chefe maior. Este sai do seu lugar e corre aflito também. Fiquei atarantado no meio de toda esta agitação. Inquiri e soube que os dois mais pequeninos tinham ido pela estrada fora. Já longe, alguém os viu e telefonou.

Elói mobiliza o carro do Professor e foi por eles.

— Para onde é que iam?

— «Iamos à Magui».

Magui é a filha do Melo que serve em nossa Casa e habita em Setúbal.

ESCOLA E FAMÍLIA — Ontem fui chamado para comparecer numa reunião de encarregados de educação com professores.

O conselho administrativo disse dos problemas que os afligia. Todos os pais acusavam a Escola por deficiências e responsabilizaram-na pela educação dos filhos.

Eu, surdo de poucas falas, não me contive e disse do erro. Reparti responsabilidades, e dei maior quinhão aos pais.

A directora do conselho disse das suas preocupações. Sente a responsabilidade, toma o jugo, quer contribuir.

Chamou os pais para a ajudarem. Não vi compreensão nem correspondência. Só quem anda metido nestas coisas e quer levá-las a sério, é que sabe das aflições. São poucos os professores que se queiram sujeitar a elas. Eu já aqui disse e volto: Os professores têm obrigações que não inibem os pais do principal papel de educar. A escola é sequência da família. Há pouca gente a colocar-se, por via da carga pesar. Há a fuga da responsabilidade que cabe a cada um. Graças a Deus que ainda temos «padeiras de aljubarrotas» que teimam contra as intempéries que vamos provocando, sem dar fé do abismo que cavamos.

Só a união dos pais com professores pode ser solução para resolver necessidades frequentes.

Que nenhum de nós fuja ao dever que temos!

Ernesto Pinto

Novos Assinantes de «O Gaiato»

Vale bem a pena uma breve nota sobre o crescente aumento de tiragem de O GAIATO, seja por novos assinantes, seja pelo amoroso trabalho dos nossos rapazes e do nosso Padre Carlos.

No que toca à venda avulsa, ainda agora recebemos um telefonema do nosso Padre Horácio requisitando mais 550 jornais e d'ora em diante, que sigam 7.000 deles para o Centro do País.

Os novos assinantes são um mundo de gente! Nas batidas que o nosso Padre Carlos está fazendo às comunidades cristãs do Porto e zonas suburbanas, recolhe torrentes de nomes, centenas e centenas!

Não vamos fazer um relato das procissões — que seria fastidioso. Estas acções revelam, porém, uma grande verdade, exactamente aquilo que a gente está farto de saber, desde sempre: há um mundo incomensurável de gente que diz conhecer ou interessar-se pela Obra da Rua, mas desconhece O GAIATO!

Entre a multidão que requisita o Famoso por suas mãos, ou

por intermédio de amigos, a correspondência só de um mês é de tal ordem que, se fôssemos ler, analisar ou meditar cada uma das presenças, ficaríamos mais eufóricos com toda esta explosão de Sobrenatural — exclamaria Pai Américo.

Um postal de Alcobaça, por exemplo, pede para enviarmos quinzenalmente O GAIATO, «visto que só assim se viverá mais os vossos problemas». Almas grandes!

No entanto, é espantosa a divulgação do Famoso nos meios juvenis, qual corrente de Água Viva florescendo no seio das Famílias. Lisboa, por exemplo:

«Hoje tenho a satisfação de trazer mais um assinante. Este é ainda uma criança de 4 anos, mas o seu avô — que através das nossas conversas se interessou pela Obra da Rua — quer que o netinho vá crescendo e acompanhando o seu valor.»

Uma transfusão de sangue novo, motivada pelo Santíssimo Nome de Jesus, e que fica nas mãos do Senhor nosso Deus.

Júlio Mendes

MARTÍRIO dos INOCENTES

Em Maio de 1935, um pequeno do Beco do Moreno, em Coimbra, embarga o caminho de Pai Américo «num angustioso venha ver o meu pai que está na cama e a gente passamos fome». Foi ele, o pequeno, que deu o ser à Obra da Rua, multiplicada pelos anos fora.

Mas os cenários que naturalmente envolvem os Becos do Moreno permanecem — aqui e lá fora — sendo a Criança, porém, quem mais sofre, e sofrerá, neste mundo desvairado que, há 2.000 anos levou Maria a dar à luz o Deus Menino em manjedoura de animais...

Agora, temos em nossas mãos um extrato do «Estado Mundial da Infância», em 1980, publicado pela UNICEF. São números aterradores, problemas candentes postos à consciência da Humanidade. E que, na década de 30, motivaram Pai Américo — olhos postos na Estrela de Belém — a saltar para a rua, dando vida à Obra da Rua e abrindo os olhos a muita gente.

«Já morreram 12,6 milhões de crianças nascidas em 1980» — afirma a UNICEF — A maioria das quais pertencia a famílias absolutamente pobres.»

«Três em cada dez crianças continua o documento — morrem antes dos cinco anos, enquanto apenas uma em cada dez jamais verá um assistente sanitário, ou será vacinada, e é muito possível que somente metade delas chegue a saber ler e escrever.»

Segundo as actuais tendências, o número de «Pobres absolutos» aumentará até ao ano 2000, «mas as tendências futuras ocorrem em função da actual política e não como ex-

pressão inevitável do destino».

Como, infelizmente, tem acontecido, «as nações mais pobres manter-se-ão à margem do desenvolvimento nos próximos vinte anos. E para erradicar a pobreza será preciso efectuar profundas transformações nas relações internacionais e promover um autêntico crescimento económico nos países subdesenvolvidos» — e em vias de desenvolvimento.

O relatório assinala, ainda, no campo da educação: «O número crescente de crianças entre os seis e os onze anos tornará difícil, até ao ano 2000, que a maioria dos países em desenvolvimento possa assegurar uma escolarização total e contínua de, pelo menos, quatro anos na instrução primária», considerada «a terceira força da trilogia do desenvolvimento humano» e um dos investimentos mais produtivos para um país de rendimentos baixos.

O extraordinário volume de ajuda internacional, necessário à erradicação dos piores efeitos da miséria até ao ano 2000 — e aqui está o grande busfús da questão — é avaliado pela UNICEF «entre os 12 mil e os 20 mil milhões de dólares anuais, o dobro dos actuais valores destinados ao auxílio». Além disso, porém, «será necessária uma mudança na distribuição, pois somente metade da ajuda actual se destina aos países de mais baixo rendimento, que são precisamente aqueles que albergam a grande maioria da população absolutamente pobre».

De acordo com o relatório, sublinhamos a triste verdade dos nossos tempos: «um incre-

mento anual deste nível de ajuda internacional supõe, apenas, o gasto mundial em armamentos em cada três semanas». Das imagens transmitidas pelos órgãos de comunicação social, chegamos à conclusão de que os homens responsáveis — em todo o mundo — não dão fé!

No sector da alimentação — ainda segundo o relatório da UNICEF — «o crescimento económico não conseguiu aumentar, de forma apreciável, o rendimento dos grupos sociais mais pobres, por causa do malogro dos mecanismos

de distribuição de alimentos». E, verdade seja, «o mundo produz um volume suficiente de alimentos para fornecer, a cada pessoa, uma dieta adequada, e pode continuar a fazê-lo, apesar do crescimento da população durante os próximos vinte anos».

O documento conclui: «Tendo em conta este tipo de precedentes, não existe qualquer razão física para que a aldeia global do ano 2000 tenha de albergar uma criança desnutrida».

«A desnutrição infantil pode ser reduzida melhorando o

grau de instrução das mães, advogando a UNICEF «o aumento dos cuidados prestados às mulheres durante a gravidez e nos primeiros meses de vida dos seus bebés», dos quais «21 milhões de escasso peso nascem todos os anos em países subdesenvolvidos, por causa da dieta inadequada das suas mães, o que origina uma taxa elevadíssima de mortalidade infantil». Neste aspecto, em Portugal, é confrangedor o que se passa em aldeias esquecidas no meio rural!

Em suma: pelo que nos é dado saber, no ano dois mil será ainda maior, em todo o mundo, a desigualdade económica. Pobres dos Pobres!

Júlio Mendes

Consciência social

Cont. da 1.ª página

veitem a oportunidade que lhes é dada.

— Mas não vê que eles são tão novinhos?!... Quer que aos 12 anos compreendam toda a seriedade da vida?

— Têm de aprender desde já a apreciar as suas possibilidades. Participar na vida dos que têm de construí-la com menos do que eles, só lhes fará bem.

No quadro de uma família que tem para si bens que lhe chegam, é bela esta atitude! Eis a austeridade, conceito e vivência, que nada tem de unívoco com o uso inflacionário

da palavra, praticado por aí. Cinco ou seis anos mais e estes adolescentes atingirão a maioridade. Nem o tempo é demasiado nem o mundo lhes multiplicará oportunidades para aprenderem critérios que os tornem realmente maiores, efectivamente capazes do seu direito de intervenção na coisa pública. Por isso este Pai não quer desperdiçar, nem tempo nem oportunidades. E reflectindo muito, julga melhor mestre quem, tendo menos, talvez seja mais. Verdade! É mais quem constrói com menos. Esse tem de pôr mais de si mesmo naquilo que faz. É um agente de humanização. Empenhar-se-á no trabalho; solidarizar-se-á com todo o que trabalha, não com quem, convencionalmente, se nomeia trabalhador.

● A inquietação deste Pai fez-me transpor as fronteiras do seu caso.

Somos um Povo a aprender Liberdade. Adolescentes, por certo... Não passará a recta pedagogia que nos há-de conduzir à maturidade e à desejada suficiência para todos, pela renúncia pessoal, pela aceitação da pobreza de meios, por muito trabalho temperado pelo dom generoso de cada um de nós?

Ou será o nível de vida, valor absolutizado, o fim a perseguir sem atender a meios? Não resultaria daí um extremar ainda mais escandaloso dos desequilíbrios existentes?

A correcção destes desequilíbrios, o progresso generalizado do nível de vida, não é problema apenas económico, mas também, e talvez mesmo antecedente, um problema de educação. Educação, aqui, quer dizer, sobretudo, a formação da consciência social dos indivíduos. Onde está ela? Quem na tem feito? Será ela um peno-

so ordenamento ou fácil sublevação?

O problema da energia, agudizado este ano, entre nós, pela seca, mas sempre um grave problema à escala do mundo, serve de teste. Quantos sentem e sofrem a dimensão social desta carência?

Bom que o nível de vida suba. Justo, porém, se subir para todos depois de todos terem o mínimo humanamente aceitável. Isto supõe, pois: uma visão global de todas as implicações no pôr de cada pretensão de grupo; a vontade de uma ordem justa: primeiro os mais pobres, os mais fracos e mais esquecidos; a disposição a sacrifícios; a decisão de trabalhar pelo Bem-comum... — o que se resume tudo no desejo sincero de superar cada um a tendência individualista que há em si e, tantas vezes, torna as pessoas selvagens e os agrupamentos ferozes.

O Homem é o grande valor de reserva para a Humanidade. O Homem, antes e depois dos sistemas que pensa e ensaia, já que a eficácia dos sistemas, sempre portadores de lacunas e defeitos, depende da execução que os homens lhes derem: do seu espírito, da sua recta intenção, do esforço atento e constante de compensação dessas lacunas e defeitos.

Formá-lo o melhor possível na consciência do dever de prosseguir e aperfeiçoar a construção da sociedade em que se encontrou na vida é, aqui e agora, sempre, a prioridade das prioridades para essa mesma sociedade em busca do seu acabamento nunca atingido e incessantemente a procurar.

Deve ser este o sentir do Pai que me motivou esta reflexão, a causa da sua inquietação. E é o que ele procura fazer na sociedade celular que é a sua Família.

Padre Carlos

TRIBUNA DE COIMBRA

FAMÍLIA — Temos a nossa Casa cheinha como um ovo.

Nunca cá estivemos tantos. Alguns nem têm lugar, mas tivemos que os receber. São pequeninos e já cá tinham estado, mas o pai levou-os e agora a amante do pai veio trazê-los. Eles queixam-se dos maus tratos que têm passado e têm percorrido imensas terras. Vamos ajudá-los a criar.

ESCOLA NOVA — Como as nossas escolas tinham muitos alunos tivemos de pedir uma nova escola e a Direcção Escolar acolheu bem o nosso pedido e, logo que teve, nos mandou uma professora.

Tem os da primeira classe que são 19 e alguns são muito difíceis de aturar. A professora vê-se aflita com eles. Falto-lhes a educação que as boas famílias dão e assim vêm para nossa Casa muito desordenados. Nós dizemos à senhora professora que não desanime.

ANIMAIS — Os nossos currais estavam um pouco desfalcados com a matança dos frangos e dos porcos, que eram para criar e não criaram.

Um amigo, a quem pedimos, veio trazer-nos porquinhos. Não ficou a pocilga cheia, mas já lá há vida e nós gostamos muito de vida.

Uma vaca teve um vitelinho e aumentou o leite que tomamos.

Pedimos pintos à Senhora do Aviário de Santa Cita e logo no mesmo dia nos deu 500 pintos para carne e 100 para pôr ovos. Esta Senhora tem sido sempre muito nossa amiga.

Com as galinhas que já tínhamos a pôr ovos ficámos com os currais todos compostinhos.

AGRICULTURA — Quando ouvimos falar muito na «reforma agrária», às vezes, apetece-nos rir. Fala-se muito e pouco ou nada se vê feito.

Nós vamos fazendo a nossa reforma. Onde era pinhal que

estava a prejudicar a terra, plantámos videiras. Onde as videiras já tinham secado plantámos outras e agora enxertámo-las. Povoamos.

Fizemos a primeira plantação de batata. Foram dois dias duros, mas alegres. Alguns não acreditavam que éramos capazes de fazer aquele trabalho todo. São os mais dados à preguiça. Ainda não acreditam que querer é poder. É necessário termos vontade forte para vencer. E em tudo!

Cá em Casa gostamos muito de ter a adega composta com bom vinho e também muito de encher os sótãos de batata para todas as refeições do ano. Gostamos muito de comer e beber com o suor do nosso rosto. Mas há muita gente que quer comer e não quer trabalhar. São os parasitas. Ora isto não está bem, nem está certo. Entendidos?! Vamos fazer a «reforma agrária» mas a sério: trabalhando.

Padre Horácio

FESTAS

Pelo nosso último encontro de padres das várias Casas vimos que todas estão empenhadas no fazer as Festas da sua zona. As Festas começaram a ser parte da nossa vida de comunhão com os Outros. Comunhão de alegria, de paz, de amor. Aqueles que se habituaram a este manjar já não passam sem ele e chamam os amigos.

Enquanto os do norte já andam em romaria, os do sul há muito que se agitam e nós, os do centro, começámos os ensaios a sério. É ver como alguns cantam nas suas obrigações, com esperança de que os responsáveis os inscrevam no grupo dos festeiros. Todos querem ser das Festas. Tantos olhos espreitam e tantos sorrisos se abrem!

O pedir as casas e a colaboração dos mordomos foi tarefa facilíma. Um telefonema ou um cartão e tudo que sim senhor. Já todos esperam. Todos gostam. Todos querem. E nós vamos.

Padre Horácio

ZONA NORTE

ABRIL

- 8, às 21,30 h — Cine-Teatro Real-VILA REAL
10 " " " — Cine-Teatro Augusto Correia V. N. FAMALICÃO
Bilhetes à venda na Confeitaria Bezerra e bilheteiras do Cine-Teatro.
29 " " " — Cinema S. Geraldo-BRAGA
Bilhetes à venda: R. Santa Margarida, 8 e bilheteiras do Cinema S. Geraldo.

MAIO

- 3, às 11 h da manhã — COLISEU DO PORTO
Bilhetes à venda: Espelho da Moda, R. dos Clérigos, 54 e bilheteiras do Coliseu.
6, às 21,30 h — Amaranthe Cine-Teatro AMARANTE
8 " " " — Cine-Teatro João Verde MONÇÃO
15 " " " — Cine-Teatro Ribeiro Conceição — LAMEGO

ZONA CENTRO

ABRIL

- 25, às 21 h — Salão dos Bombeiros MIRANDA DO CORVO

MAIO

- 1, às 15,30 e 21,30 h — Teatro Avenida COIMBRA
Bilhetes à venda: Casa do Castelo, Rua da Sofia e nas bilheteiras do Avenida.
2, às 21,30 h — Casa do Povo de MIRA
3, às 15 h — Cinema do Casino Peninsular FIGUEIRA DA FOZ
Bilhetes à venda na Tulmar.
8, às 21,30 h — Teatro-Cine da COVILHÃ
Bilhetes à venda: Jerónimo dos Santos (Seguros) e bilheteira do Teatro-Cine.
9, às 15,30 h — Cinema Gardunha - FUNDÃO
Bilhetes à venda: Casa da Beira e bilheteiras do Gardunha.
10 " " " — Cine-Teatro Avenida CASTELO BRANCO
Bilhetes à venda: Casa Pinto, Papelarias Semedo e Elias Garcia.
15, às 21,30 h — Cine Teatro de TOMAR
Bilhetes à venda no Armazém do Barateiro e nas bilheteiras do Cine-Teatro.

ZONA SUL

MAIO

- 10, às 11 h da manhã — MONUMENTAL
Bilhetes à venda nos locais do costume.
16, às 15,30 h — Cine dos Bombeiros Voluntários — LOURES

AQUI LISBOA!

Na quinzena passada, referindo palavras de João Paulo II, lembrámos o Seu apelo a todos os homens que detêm nas suas mãos «um certo poder», por causa das suas posições, actividades ou situações, em ordem a uma maior justiça social e à promoção dos mais fracos ou marginalizados.

Queremos hoje referir os esbanjamentos perdulários que se constata em certos sectores ou serviços, sobretudo nas empresas nacionalizadas e nos organismos oficiais, civis e militares, enquanto necessidades candentes dos sectores da população mais carecidos se vêem a braços com problemas gravíssimos, não dispondo de órgãos de defesa, não podendo fazer o recurso, por exemplo, a greves, ainda que justificadas, ao contrário de outros, que «por dá cá aquela palha» se põem de costas ao alto, sem esgotar as vias da conciliação e de diálogo que devem sempre ser percorridas antes das decisões mais gravosas e últimas.

Luxos desmedidos nas instalações, gastos sumptuários a propósito de tudo e de nada, festas de arromba ou banquetes sumptuosos, delapidação inconsciente das coisas, ausência de economia nos gastos, utilização abusiva de veículos oficiais, são constatações do dia-a-dia que não são passíveis de discussão. As pessoas dispõem dos recursos e dos bens colectivos, civis ou militares, como se deles fossem donos, com a diferença que, se o fossem, não os malbaratariam como se vê. Interesses menos razoáveis de classes ou de grupos e uma falta de consciência cívica clamorosa são factores de situações escandalosas, que bradam aos céus, enquanto aspectos essenciais da vida são colocados em segundo plano ou esquecidos. Cada um pensa em si ou no seu clã e o resto pouco ou nada im-

porta, servindo quando muito, para contestações demagógicas, conversas meramente académicas ou meros propósitos de intenções.

Não percebemos — e desculpem a ignorância do macaco — que a dissipação observada nas empresas públicas ou nos serviços civis e militares não seja contida de maneira efectiva e determinada, levando a uma compressão de despesas, profunda no supérfluo ou dispensável e no combate aos abusos ou desvios verificados. É que, se no orçamento agora em discussão, os encargos da dívida pública previstos, ascendem a 87 milhões de contos, dos quais mais de 60 são de juros, com um déficit calculado em 65 milhões, não vemos como este País se há-de ressarcir da crise profunda por que passa e se há-de encarar os problemas prementes que se põem à sociedade portuguesa.

Sem menosprezo ou qualquer intenção menos clara, não queremos deixar de anotar quanto nos espanta sabermos que este País tem 55.000 homens nas Forças Armadas e que os encargos com a Defesa rondam pelos 41,9 milhões de contos, logo a seguir aos encargos com a Educação (58,6) e os da Saúde (55,6), mas muito mais que os encargos com os Transportes (21) e os da Habitação (20,9), o que equivale a um consumo de quase 100 dólares «per capita» este ano com as despesas militares, enquanto o Produto Nacional Bruto «per capita» ronda os 2 mil dólares. Tendo em conta que a maioria destas despesas não serão reprodutivas e que dispomos, segundo os comentaristas, de um número de altas patentes superior ao da maioria dos países da Europa Ocidental, parece-nos urgir uma reestruturação urgente das Forças Armadas, reduzin-

do os seus efectivos e tornando-as operacionais, ao serviço do progresso material e social das zonas mais atrasadas, numa linha integrada com os serviços estatais especializados, para lá das missões de busca e salvamento, transporte de feridos, tarefas de emergência, defesa dos recursos marítimos e outros. De resto, pelo que sabemos de experiência própria, as verbas atribuídas a este sector da Nação nem sempre serão bem aplicadas e, pelas razões já acima expostas, abundam os desperdícios. Sabem-no bem os responsáveis, como por exemplo, um oficial das nossas relações, que nos dizia há tempos: «O padre nem sabe o que se estraga lá no Quartel; só o comer deitado fora ou para os animais, num mês, daria para sustentar uma Casa do Gaia-to num ano, passe o exagero». Nós, que fomos o ano passado a quatro juramentos de bandeira de Rapazes, bem vimos. Mas ele há outros aspectos que apenas o escamotear da realidade esconderá. Servir é uma honra mas também uma grave responsabilidade.

Só a Verdade liberta, diz o Evangelho. Abordar, pois, os problemas acima é uma exigência, que não se compadece com tabús ou secretismos. Poupança, recto uso das coisas, senti-las como nossas e ao serviço de todos, é uma consequência do bem conjugar o verbo «servir», que é o que se pede àqueles que detêm o poder e a força, sejam eles quais forem e de que tipo se revestirem as suas obrigações. Os fracos, os marginalizados e os sem voz clamam apenas por justiça.

FESTAS — Estão marcadas. No local do costume encontraremos os dados a elas referentes. E até lá.

Padre Luiz

Partilhando

O «Gordinho» é um pequeno algarvio com uma voz inconfundível pelo seu sotaque. Gosta muito de ser «cicerone» e quem tiver a sorte de ser acompanhado por ele na visita à nossa Aldela, há-de ver e ouvir tudo muito bem. Mas no fim de tudo, acaba-se a diplomacia toda, nestes termos: — «E agora, não deixam nada para a Casa?!» Cá dentro, já se falava nisto. Mas ontem é que uma senhora do Porto nos disse tudo à frente dele. Sorriu discretamente. E penso que ninguém lhe ensinou tal «fórmula» de despedida aos visitantes amigos.

Ele está na sua Casa! Como cicerone é simpático, comunicativo e não se poupa a

esforços. Ajuda, orienta e informa quem nos vem ver. As pessoas gostam dele. E ele puxa pelos seus «direitos»... «Exploração» do adulto pela criança! Quem havia de dizer...! A inocência, o dar e o receber, os deveres e os direitos, a justiça e o amor de mãos dadas no

coração e na consciência simples de uma criança!

Que ninguém seja motivo de escândalo para uma criança.

O «Gordinho» seria sempre simples se nós não fôssemos uns complicados!

Padre Moura



Tiragem média por edição no mês de Março: 45.800 exemplares.